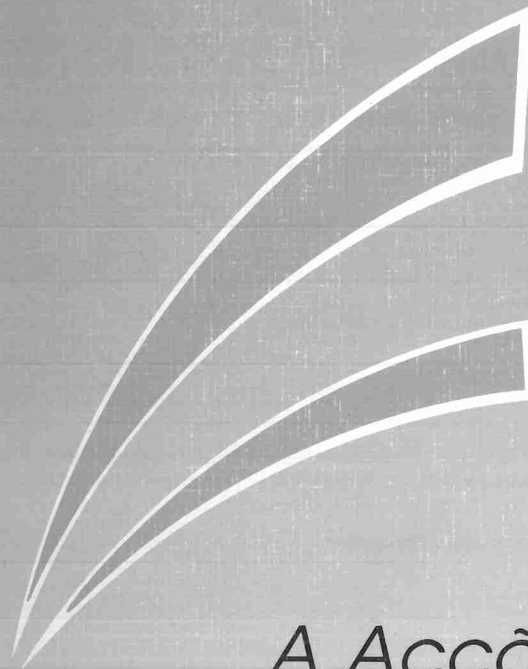


EDITORES:

LEANDRO S. ALMEIDA • RUI SANTIAGO • PEDRO SILVA • LUCIA OLIVEIRA • ORLANDO CAETANO • JOÃO PAULO MARQUES



A Acção Educativa: Análise Psico-Social

3015

E.S.E.L. / A.P.PORT.



A acção educativa

Leiria 1990 E.S.E.L. / A.P.PORT.

A ACÇÃO EDUCATIVA:

31-06-14
94.11.28
37.015/67 ✓

ANÁLISE PSICO-SOCIAL

BIBLIOTECA
Escola Superior de Educação
LEIRIA

EDITORES:

Leandro S. Almeida
Rui A. Santiago
Pedro Silva
Lúcia Oliveira
Orlando Caetano
João P. Marques

Estante: 31
Prateleira: 06
Número: 13448

Leiria, 1990

ESEL/APPORT

X

TÍTULO: A ACÇÃO EDUCATIVA: ANÁLISE PSICO-SOCIAL

EDITORES: LEANDRO S. ALMEIDA, RUI A. SANTIAGO,
PEDRO SILVA, LÚCIA OLIVEIRA, ORLANDO
CAETANO, JOÃO P. MARQUES

CAPA: LUÍS JORDÃO

LEIRIA, 1990

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA
ASSOCIAÇÃO DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

COMPOSIÇÃO GRÁFICA: NOTAL - NOVAS TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS, LDA

TIPOGRAFIA:

Nº DE TIRAGEM: 100 EXEMPLARES

DEPÓSITO LEGAL:

A AULA DE APRESENTAÇÃO NO INÍCIO DO ANO LECTIVO VISTA POR PROFESSORES E
ALUNOS ASPECTOS DE UMA PESQUISA

José Brites Ferreira

E.S.E. LEIRIA

INTRODUÇÃO

A vida escolar tem sido objecto de múltiplos estudos nos mais variados domínios. Mas a sua complexidade e riqueza fazem com que, na mesma, subsistam inúmeras facetas por pesquisar.

Na presente comunicação não se pretende proceder à análise e sistematização de tais problemáticas, mas tão somente dar conta, ainda que parcialmente, de aspectos de uma pesquisa desenvolvida no 1º ano do 2º ciclo do ensino básico.

O início do 2º ciclo do ensino básico é uma experiência nova para os alunos que nele ingressam. Com efeito, ela traduz-se, entre outros aspectos, por uma transição do regime de professor único, que vigora no 1º ciclo, para o de professor por disciplinas, o existente no 2º ciclo, ambos do ensino básico.

Este último ciclo, não obstante se encontre integrado no ensino obrigatório desde há mais de vinte anos, esteve sempre mais próximo do ensino que lhe sucede do que daquele que o antecede. Basta atentar na orgânica e funcionamento das escolas para se constatar tal facto.

A este estado de coisas não será certamente alheia a história do 2º ciclo do ensino básico, que de 1º ciclo do ensino secundário passou depois a ciclo preparatório do ensino secundário, para agora aparecer como ciclo intermédio do ensino básico.

Será interessante verificar o que virá a ser, de facto, a reforma educativa, ora muito incipiente para dela podermos falar como obra feita ou em vias de o ser.

Como se referiu atrás, uma das particularidades que caracteriza a passagem do 1º para o 2º ciclo do ensino básico é a transição de professor único para professor por disciplinas. O aluno, habitualmente confrontado com um só discurso, passa a confrontar-se com múltiplos discursos, tantos quantas as disciplinas existentes.

Na pesquisa de que ora se dá conta, procura-se analisar o discurso do professor no 1º dia de aulas e o modo como o mesmo é lido pelos alunos. A aula de apresentação pode ser um momento importante para a construção da relação pedagógica, em que docentes e alunos se encontram necessariamente envolvidos.

A relação pedagógica é um mundo que nos coloca e relaciona com um conjunto de problemas complexos, impregnados de ambiguidade e carregados de debates e controvérsias que envolvem a escola, a educação, o sistema educativo e social, a pedagogia, a(s) ciência(s) da educação. Numa palavra, somos transportados para a problemática do próprio homem e da sociedade. Com efeito, a acção educativa não se pode reduzir a uma questão técnica. Como afirma AVANZINI, "toda a prática educativa, reflectida ou não, remete para uma concepção de homem que, ignorada ou não, lhe é imanente, a dinamiza e regula" (cit. em ESTRELA, 1986, p. 7).

A relação pedagógica é também uma relação da história da própria educação. Ela pode ser equacionada sob inúmeros ângulos: o institucional, o social, o psicológico, o escolar, o normativo, o dinâmico, o estrutural, o relacional, o da comunicação, o da empatia, o da autoridade, o da produção, o do saber, o do currículo, o dos actores...

A própria relação pedagógica antes de ser objecto de investigação é realidade percebida de modo mais ou menos diferenciado, quer pelos seus actores, quer pelos seus espectadores. Por isso, inúmeras definições poderiam ser propostas.

O processo de ensino/aprendizagem e a interacção professor/aluno encontram-se, explícita ou implicitamente, sempre presentes em todas elas. Daí que os encontremos em definições como as que podemos colher de M. POSTIC. "A relação educativa é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos educativos numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história", ou então, "no ensino, a relação pedagógica estabelece-se por intermédio do trabalho escolar definido por programas que contêm objectivos explícitos e efectuado no respeito pelas modalidades fixadas pelas instruções ou circulares oficiais, num meio arquitectural específico, segundo o ritual da utilização do tempo" (POSTIC, 1984, p. 12).

É sobre a aula de apresentação, em que começa, também, a construir-se a relação pedagógica, que incidirá a pesquisa que se passa a apresentar.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se em três escolas preparatórias, sendo o universo da mesma constituído por 6 turmas do 1º ano, 2 em cada escola, num total de 148 alunos, e respectivos professores, num total de 30.

Em cada escola, eram os mesmos professores que leccionavam ambas as turmas.

A recolha de dados foi feita, junto dos professores, através de entrevistas semi-directivas, enquanto que para os alunos foram utilizados questionários.

As entrevistas foram efectuadas durante a primeira semana de aulas, após a aula de apresentação, tendo-se centrado nas seguintes questões:

- INTENÇÕES DOS PROFESSORES QUANDO VÃO PARA A AULA DE APRESENTAÇÃO;
- DISCURSO PRODUZIDO NAQUELA AULA.

Esperava-se, assim, obter indicadores sobre quadros que presidem à actuação do professor no primeiro contacto com os alunos.

Os questionários aos alunos foram passados após a primeira aula com os docentes de todas as disciplinas. Eram constituídos por quinze itens, distribuídos por duas partes, e diziam respeito aos professores da turma, considerados no seu conjunto, admitindo como respostas possíveis:

- TODOS
- QUASE TODOS
- ALGUNS
- NENHUNS
- NÃO ME LEMBRO

Na primeira parte, constituída por 11 itens, pedia-se aos alunos para se pronunciarem sobre os itens constantes do quadro 1.

Na segunda parte, constituída por 4 itens, pedia-se aos alunos para se pronunciarem sobre os itens constantes do quadro 2.

QUADRO Nº 1

<u>NO PRIMEIRO DIA DE AULAS OS PROFESSORES DISSERAM-NOS</u>	
1.	O NOME DELES
2.	QUE DISSESSEMOS O NOSSO NOME
3.	O QUE IAMOS FAZER
4.	OS CUIDADOS A TER COM LIVROS, CADERNOS E OUTRO MATERIAL
5.	PARA PREENCHERMOS AS FICHAS DA CADERNETA
6.	COMO NOS DEVIAMOS COMPORTAR NA AULA
7.	COMO DEVIAMOS ESTUDAR
8.	QUE DISSESSEMOS SE GOSTAVAMOS DE ALGUMA COISA EM ESPECIAL
9.	COMO IAMOS SER AVALIADOS
10.	COMO DEVIAMOS TRAB. COM OS NOSSOS COLEGAS
11.	QUAIS OS SEUS PROBLEMAS E DIFICULDADES

QUADRO Nº 2

<u>NO PRIMEIRO DIA FICAMOS COM A IMPRESSÃO DE QUE OS PROFESSORES</u>	
<u>PROCURARAM:</u>	
12.	ENTUSIASMAR-NOS PARA O ESTUDO DA SUA DISCIP.
13.	MOSTRAR-SE AMIGOS E PRONTOS PARA NOS AJUDAREM
14.	DEIXAR-NOS À VONTADE
15.	MOSTRAR-SE EXIGENTES NO QUE RESPEITA AO NOSSO COMPORTAMENTO

RESULTADOS

Os dados obtidos proporcionaram um conjunto de dados globais que se passam a apresentar, primeiro relativamente aos professores e depois aos alunos.

3.1. Entrevistas aos professores

Os dados obtidos são apresentados em torno dos dois eixos que presidirem à entrevista:

- intenções dos professores quando vão para a aula de apresentação;
- discurso que afirmam ter produzido na mesma.

Da análise dos resultados constata-se que as intenções dos professores na primeira aula se dirigem para os aspectos constantes do quadro 3.

QUADRO Nº 3

=====		
INTENÇÕES QUE PRESIDEM A ACÇÃO DOS PROF. NA AULA DE APRESENTAÇÃO	FREQÜÊN- CIAS	%
=====		
- A IMAGEM DE PROFESSOR A DEIXAR NA TURMA	24	80,0%
- O FUNCIONAMENTO DA TURMA	23	76,7%
- O DIAGNÓSTICO DA TURMA	14	46,7%
- AMOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DA DISCIPLINA	9	30,7%

Verifica-se, assim, que as intenções são, em primeiro lugar, a de deixar na turma uma certa imagem de professor, favorável a um bom relacionamento, que aparece em expressões como:

- relação fácil com os alunos, bem disposto, confiante
- mostrar-se e ser amigo
- deixar/pôr os alunos à vontade
- clima de simpatia, afabilidade
- não rigidez propositada

- criar empatia com alunos
- conhecer interesses dos alunos".

Depois vem o funcionamento da turma. Trata-se de criar ou incentivar, desde logo, normas e processos de estar e agir que visam "o bom funcionamento das aulas ao longo do ano", como afirmam textualmente dois dos entrevistados. É clara a intenção de estabelecer, desde logo, modos de organização e funcionamento da turma, presente em expressões como:

- "- não admitir faltas de respeito
- não admissão de abusos
- disciplina e correcção
- uso de boas maneiras".

Mas há também quem fale, poucos, em deixar que "as regras vão surgindo nas aulas seguintes".

A seguir vem a intenção de diagnóstico da turma. Mais que um diagnóstico trata-se de procurar colher impressões, de forma mais ou menos espontânea, relativamente ao tipo de turma que se tem pela frente, sobretudo se será uma turma "boa" ou "má". Assim para além dos dados a colher através do preenchimento da ficha da caderneta, procura-se captar indicadores do que será uma turma boa, como sejam:

- alunos não perturbadores
- alunos disciplinados
- alunos com linguagem correcta
- alunos que não falem alto
- alunos interessados e atentos
- alunos que pedem para falar
- alunos com boas maneiras
- alunos com boa escrita

E para a percepção de que se está perante turmas menos boas ou más servirão indicadores como:

- alunos perturbadores
- alunos dispersos
- alunos faladores
- alunos nervosos
- alunos amorfos
- alunos com linguagem agressiva para com os colegas ou para com o prof.
- alunos que escrevem mal
- alunos distantes
- alunos que querem dar nas vistas.

E finalmente vem a motivação para a disciplina a estudar. Trata-se de procurar dar aos alunos uma ideia do que será a disciplina a estudar, fazendo-o de forma a "cativá-los" para o seu estudo.

Relativamente ao discurso produzido na aula, os dados obtidos indicam que o discurso dos professores incide sobre os aspectos constantes do quadro 4.

QUADRO Nº 4

ASPECTOS SOBRE OS QUAIS INCIDE O DISCURSO O DISCURSO DO PROFESSOR	FREQÜÊN- CIA	% N = 30
- DISSERAM O SEU NOME	30	100,0%
- MANDARAM OS ALUNOS PREENCHER AS FICHAS DA CADERNETA	25	83,3%
- ESTABELECEM-SE REGRAS DE COMPORTAMENTO PARA O FUNCIONAMENTO DA TURMA	24	80,0%
- DISSERAM COMO ESTUDAR E TRABALHAR NA DISCIPLINA	18	60,0%
- FALARAM DOS CONTEÚDOS E OBJECTIVOS DA DISCIPLINA	13	43,3%
- PEDIRAM AOS ALUNOS PARA DIZEREM O NOME	12	40,0%
- FALARAM DA AVALIAÇÃO	7	23,3%

Constata-se, assim, que o discurso dos professores na aula de apresentação incide mais na sua apresentação do que na dos alunos. Em geral, esta apresentação limita-se ao nome, embora alguns professores afirmem que falam também um pouco sobre seus problemas e dificuldades, mas mais num contexto de

definição de normas de actuação do que em termos de apresentação.

O preenchimento da ficha é outro facto que marca aula de apresentação. A percentagem encontrada, 83.3%, seria ainda mais elevada se três dos entrevistados não se tivessem esquecido de levar as fichas para a aula.

O estabelecimento de regras logo na primeira aula, 80.0%, é indicativo da normatividade que se procura desde logo introduzir na turma.

Nota-se, com efeito, uma maior preocupação em criar desde logo, o sistema normativo de funcionamento da turma, 80.0% dos casos, do que em clarificar o sistema produtivo, no âmbito das respectivas disciplinas, embora este apareça em 60.0% dos casos.

Na aula de apresentação fala-se, pois, muito mais de regras de comportamento e de modo de trabalhar e estudar na disciplina do que nos objectivos e conteúdos da mesma, 43.3% dos casos, ou na avaliação, 23.3% dos casos.

De salientar que os docentes que afirmam pedir aos alunos para dizerem o seu nome, e são 40.0% dos casos, fazem-no, na sua grande maioria, antes do preenchimento das fichas.

Lidos de forma conjunta, os dados proporcionados pelos entrevistados mostram que a aulas de apresentação foram marcadas num primeiro plano:

- pela apresentação do professor, dizendo o seu nome (100.0%)
- pelo preenchimento de fichas de caderneta (83.3%)
- pelo estabelecimento de regras de conduta na turma (80.0%)
- pela preocupação do professor em deixar certa imagem (80.0%).

Num segundo plano, com significado ainda elevado, mas já bastante inferior ao anterior, aparece a preocupação em:

- indicar como se deve estudar e trabalhar na disciplina (60.0%)
- fazer um diagnóstico impressionista da turma (46.7%)
- falar da disciplina a leccionar (43.3%)
- fazer com que os alunos se apresentem (40.0%)

Abaixo destes níveis aparecem ainda os discursos sobre a motivação para a disciplina, 30.0%, e sobre a avaliação, 23.3%.

3.2. Questionários aos alunos

Os resultados dos questionários passados aos alunos são os constantes dos quadros 5 e 6, que se referem, respectivamente, ao que os alunos dizem que os professores disseram e à impressão que os professores disseram e à impressão que os mesmos deixaram.

QUADRO Nº 5

O QUE OS PROFESSORES DISSERAM NO PRIMEIRO DIA DE AULA

RESPOSTAS	TODOS		QUASE TODOS		ALGUNS		NENHUNS		NÃO SE LEMBRA		TOTAL	
	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%
1.	96	64,9	39	26,3	12	8,1	1	0,7	-	--	148	100,0
2.	39	26,4	30	20,3	52	35,1	24	16,2	3	2,0	148	100,0
3.	38	25,7	59	39,8	34	23,0	12	8,1	5	3,4	148	100,0
4.	56	37,8	42	28,4	38	25,7	8	5,4	4	2,7	148	100,0
5.	118	79,7	15	10,1	14	9,5	1	0,7	-	--	148	100,0
6.	112	75,7	22	14,8	12	8,1	1	0,7	1	0,7	148	100,0
7.	38	25,7	45	30,4	38	25,7	21	14,2	6	4,0	148	100,0
8.	10	6,7	13	8,8	46	31,1	63	42,6	16	10,8	148	100,0
9.	49	33,1	42	28,4	43	29,1	12	8,1	2	1,3	148	100,0
10.	38	25,7	43	29,0	51	34,5	12	8,1	4	2,7	148	100,0
11.	22	14,9	38	25,7	36	24,3	33	22,3	19	12,8	148	100,0

NOTAS: - Os números da coluna dos itens referem-se aos constantes do quadro 1.

EF = efectivos.

QUADRO Nº 6

IMPRESSÃO QUE OS PROFESSORES DEIXARAM NA 1ª AULA

RESPOSTAS	TODOS		QUASE TODOS		ALGUNS		NENHUNS		NÃO SE LEMBRA		TOTAL	
	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%	EF	%
12.	66	44,6	39	26,3	26	17,6	9	6,1	8	5,4	148	100,0
13.	61	41,2	43	29,0	33	22,3	10	6,8	1	0,7	148	100,0
14.	45	30,4	38	25,7	44	29,7	16	10,8	5	3,4	148	100,0
15.	57	38,5	35	23,6	43	29,1	13	8,8	-	--	148	100,0

NOTAS: - Os números da coluna dos itens referem-se aos constantes do quadro 2.

- EF = efectivos.

Procedendo a uma análise dos dados, de modo a juntar as respostas relativas a "todos" e "quase todos", constata-se, relativamente ao que os professores disseram, que os itens mais significativos são, por ordem decrescente, os itens 1, 6, 5, 4, 3, 9, 7, 10, 2, 11 e 8, cujos valores percentuais das respostas foram os constantes do quadro 7.

Relativamente ao que nenhuns professores disseram os itens mais significativos foram os itens:

- 8. QUE DISSÉSSEMOS SE GOSTÁVAMOS DE ALGUMA COISA EM ESPECIAL (42.6%)
- 11. QUAIS OS SEUS PROBLEMAS E DIFICULDADES (22.3%)
- 2. QUE DISSÉSSEMOS O NOSSO NOME (16.2%)
- 7. COMO DEVIAMOS ESTUDAR (14.2%)

apresentando os restantes valores percentuais inferiores a 10.0%.

QUADRO Nº 7

ITENS DO QUESTIONÁRIO POR ORDEM DAS RESPOSTAS	%
1. O NOME DELES	91,2%
6. COMO NOS DEVIAMOS COMPORTAR NA AULA	90,0%
5. PARA PREENCHERMOS A FICHAS DA CADERNETA	89,9%
4. OS CUIDADOS A TER COM LIVROS/CADERNOS/OUTRO MATERIAL	66,2%
3. O QUE IAMOS FAZER	65,5%
9. COMO IAMOS SER AVALIADOS	61,5%
7. COMO DEVIAMOS ESTUDAR	56,1%
10. COMO DEVIAMOS TRABALHAR COM OS NOSSOS COLEGAS	54,7%
2. QUE DISSESSEMOS O NOSSO NOME	46,6%
11. QUAIS OS SEUS PROBLEMAS E DIFICULDADES	40,5%
8. QUE DISSESSEMOS SE GOSTAVAMOS DE ALGUMA COISA EM ESPECIAL	15,5%

Relativamente à impressão deixada pelos professores os alunos foram da opinião que "todos" ou "quase todos" os professores os procuraram:

- ENTUSIASMÁ-LOS PARA O ESTUDO DA SUA DISCIPLINA (70,9%)
- MOSTRAR-SE AMIGOS E PRONTOS PARA NOS AJUDAREM (70.3%)
- MOSTRAR-SE EXIGENTES NO QUE RESPEITA AO COMPORTAMENTO (62.2%)
- DEIXÁ-LOS À VONTADE (56.1%)

Face a estes dados pode considerar-se que as aulas de apresentação foram marcadas por aspectos cuja significação para os alunos foi algo diversificada.

Num primeiro plano, podem incluir-se:

- O FACTO DE OS PROFESSORES DIZEREM O SEU NOME (91.2%)
- O DISCURSO SOBRE O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS NA AULA (90.5%)
- O PREENCHIMENTO DA FICHA DA CADERNETA (89.9%)
- O PROCURAR ENTUSIASMAR OS ALUNOS PARA O ESTUDO DA DISCIPLINA (70.9%)
- O PROCURAR MOSTRAR-SE AMIGO E PRONTO A AJUDAR (70.3%)

Num segundo plano, com significado ainda bastante elevado podem considerar-se:

- OS CUIDADOS A TER COM O MATERIAL (66.2%)
- AS MATÉRIAS A ESTUDAR (65.2%)
- O PROCURAR MOSTRAR-SE EXIGENTE NO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS (62.2%)
- A AVALIAÇÃO DOS ALUNOS (61.5%)
- O DEIXAR OS ALUNOS À VONTADE (56.1%)
- O INDICAR COMO SE DEVE ESTUDAR (56.1%)
- O INDICAR COMO SE DEVE TRABALHAR COM OS COLEGAS (54.7%)

Num terceiro plano, pode ainda considerar-se:

- O FACTO DE SER PEDIDO AOS ALUNOS PARA DIZEREM O NOME (46.6%)
- O FACTO DE OS PROFESSORES FALAREM DOS SEUS PROBLEMAS E DIFICULDADES (40.2%)

Finalmente, num último plano, mais pela negativa do que pela positiva, registe-se o facto de os alunos sentirem que foram pouco ou nada solicitados pelos professores para falarem daquilo que gostam em especial.

Pode, pois, dizer-se que, vista pelo lado dos alunos, a aula de apresentação é sobretudo uma aula centrada na criação e indicação de formas e processos de conduta a assumir tendo em vista o trabalho a desenvolver, onde o normativo predomina sobre o produtivo, e ainda na criação de empatia.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos não permitem uma comparação simétrica das opiniões de professores e alunos, nem tal se pretendia.

Esperava-se obter indicadores sobre quadros que presidem à orientação e desenvolvimento da aula de apresentação no 1º ciclo do ensino básico, procurando captar a leitura dos professores e a dos alunos.

Os resultados obtidos permitem constatar, ainda que de forma não plenamente exaustiva, que o início da construção da relação pedagógica, na aula de apresentação, é marcado, predominantemente, por:

- apresentação do professor que diz o seu nome;
- preenchimento da ficha de caderneta;
- fixação de regras de comportamento;
- preocupação do professor em deixar uma imagem positiva.

Os dados mostram também que a aula de tação tem mais a ver com o sistema apresenormativo com o sistema produtivo (1).

Não obstante as limitações do trabalho, nos que o mesmo proporciona parece-indicadores para a compreensão e construção da relação ica, ao mesmo pedagógtempo que sugere pistas para is trabalhos a aprofundar e a desenvolver, designadamente no que se refere:

- ao papel do 1º dia de aulas na construção da relação pedagógica;
- às percepções que professores e alunos tem do 1º dia de aulas;
- aos indicadores e quadros utilizados por professores e alunos para se avaliarem mutuamente;
- à relação entre o discurso e a prática do 1º dia de aulas e os que se lhe seguem ao longo do ano;
- às imagens e representações criadas na aula de apresentação e à sua duração ou transformação ao longo do ano.

(1) - Tomamos estes conceitos de M. T. ESTRELA (1986)

BIBLIOGRAFIA

- AVANZINI, G. (1978), A Pedagogia no Século X, Lisboa, Moraes.
- DOYLE, W. (1986), Classroom Organization and Management, in WITTRICK, M. C. (Ed.), Handbook of research on teaching, 3ª Ed., Ney York, Mac Millan Publishing Company.
- DUPONT, P. (1985), A Dinâmica do Grupo Turma, Coimbra, Coimbra Editora.
- ESTRELA, M. T. (1986) Une Etude sur l'Indiscipline en Classe, Lisboa, INIC.
- FOURCADE, R. (1972), Pour une Pédagogie Dynamique, Ed. ESF.
- GOMES, A. F. e OUTROS (1987), O Nascer de uma Relação Pedagógica, Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação (trabalho dactilografado não publicado).
- KING, R. (1983), The Sociology of Organization, London, Methwen.
- POSTIC, M. (1984), A Relação Pedagógica, Coimbra, Coimbra Editora.
- SILVA, M.-TAMEN, M. I. (Coord.), (1982), Sistema de Ensino em Portugal, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.